

NARRATIVA E RESISTÊNCIA: PRODUÇÕES LITERÁRIAS ACERCA DE PROCESSOS AUTORITÁRIOS E VIOLENTOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Narrative and resistance: literary productions about authoritarian and violent processes of contemporary Brazil

Mathias Paulus LINK¹
Luana Teixeira PORTO²

RESUMO

É notório que processos de violência desenvolvidos desde a descoberta do país pelos portugueses vêm mostrando que alguns deles ainda estão arraigados na cultura brasileira. Tendo isso em vista, os objetivos deste artigo são: discutir as relações expressas em textos literários e televisivos nos séculos XX e XXI, entre narrativa e resistência; investigar de que forma a ficção brasileira do século XX e XXI aborda processos de autoritarismo e violência no contexto histórico-social-político-cultural do Brasil contemporâneo; investigar como processos de autoritarismo e violência social e histórica do Brasil contemporâneo são problematizados nos textos literários e televisivos; e identificar confluências e divergências, em termos formais e temáticos, entre narrativas de resistência literárias e televisivas. Para que isso fosse possível, utiliza-se de teóricos como Alfredo Bosi, Jaime Ginzburg e Tânia Pellegrini, para que obras como “Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu, “A força do querer”, obra televisiva de Gloria Perez, e também “Você vai voltar pra mim e outros contos”, de Bernardo Kucinski, sejam analisadas. O foco do estudo é observar a forma como a violência nessas produções culturais é abordada, identificando elementos formais e temáticos. Como resultados, nota-se que as obras examinadas são verossímeis, retratando um contexto de uma época, com um compromisso com a realidade. Contudo, também se evidenciou que a liberdade de criação desses autores é posta em prática nessas obras, sendo que contextos sem violência dificilmente despertariam interesse do público. Assim, já se nota que na cultura brasileira, contextos repressivos dos antepassados ainda estão arraigados na cultura contemporânea.

Palavras-chave: Narrativa contística. Narrativa televisiva. Violência. Produções culturais.

ABSTRACT

It is notorious that processes of violence developed since the discovery of the country by the Portuguese have shown that some of them are still rooted in Brazilian culture. With this in view, the objectives of this article are: to discuss the relations expressed in literary and television texts in the XX and XXI centuries, between narrative and resistance; to investigate how the Brazilian fiction of the XX and XXI century deals with authoritarian and violent processes in the historical-social-political-cultural context of contemporary Brazil; investigating how processes of authoritarianism and social and historical violence in contemporary Brazil are problematized in literary and television texts; and to identify confluences and divergences, in formal and thematic terms, between

¹ Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literatura - Departamento de Linguística, Letras e Artes - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Rua Assis Brasil, 709, Frederico Westphalen-RS – 98400-000. E-mail: mathias.paulus1@hotmail.com.

² Professora orientadora. Departamento de Linguística, Letras e Artes - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Rua Assis Brasil, 709, Frederico Westphalen-RS – 98400-000. E-mail: luana@uri.edu.br.

narratives of literary and television resistance. To make this possible, it uses theoretical as Alfredo Bosi, Jaime Ginzburg and Tania Pellegrini, that works like "Survivors", by Caio Fernando Abreu, "The strength of will," television work of Gloria Perez, and also "You will come back to me and other stories," by Bernardo Kucinski, be analyzed. The focus of the study is to observe how violence in these cultural productions is addressed, identifying formal and thematic elements. As results, it is noted that the works examined are plausible, depicting a context of an era, with a commitment to reality. However, it was also evidenced that the freedom of creation of these authors is put into practice in these works, and contexts without violence would hardly arouse public interest. Thus, it has been noted that in Brazilian culture, repressive contexts ancestors are still rooted in contemporary culture.

Key words: Contistical narrative. Television narrative. Violence.

INTRODUÇÃO

Temas voltados a situações da vida cotidiana permeiam debates que são desencadeados pelas mídias, que envolvem tanto televisão, cinema, jornais, como também as próprias redes sociais em si. Diante disso, tem-se notado um ligeiro esquecimento do povo brasileiro para com seus antecedentes históricos, que envolvem processos já antigos e que tiveram um impacto significativo na cultura atual brasileira. Esses processos referem-se principalmente ao autoritarismo e a governos repressivos, uma vez que são notórios desde a formação do Brasil como colônia quando o país fora oficialmente descoberto pelos portugueses a fim de encontrarem riquezas nas terras brasileiras. Esses temas, juntamente com outros de relevância social intensa - como o regime militar instaurado no Brasil em 1964 e que foi responsável por inúmeras mortes, violências, sumiço de pessoas, até que, em 1985, teve seu fim decretado, e a violência, que assola a vida social brasileira desde a era colonial - precisam ser discutidos de forma mais ampla. Nesse sentido, a expressão artística tem proposto análises e interpretações bastante ricas sobre o processo sócio-histórico do Brasil, assegurando especialmente na narrativa formas de compreensão de eventos históricos traumáticos, como o dos períodos de autoritarismo no Brasil.

Por conseguinte, a ditadura é reconhecida como um regime autoritário, segundo o dicionário digital "Conceitos", sendo que um contexto autoritário é evidenciado quando uma autoridade toma decisões por seus subordinados e os obriga a cumpri-las. Quando essas ordens não são cumpridas, geralmente é utilizada a violência, principalmente no contexto ditatorial, também abordado nesse artigo. Essa violência é desencadeada em função da dificuldade na obtenção de informações, podendo ser de inúmeras formas, como a verbal, física, psicológica, sexual, dentre outras.

Observando a recorrente representação de contextos autoritários e violentos, é comum notar determinada resistência dos escritores que abordam a temática a aceitar esse tipo de cenário como algo natural. Nessa perspectiva, Alfredo Bosi, em "Narrativa e Resistência" (1996), descreve o significado de resistência. Para ele: "Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia" (BOSI, 1996, p. 11). Desse modo, a resistência se dá não só pelo conteúdo, mas também pela forma das obras.

Levando em conta as ambas formas de violência anteriormente citadas e o conceito de resistência proposto por Bosi, é possível ainda observar que, além das artes tradicionais, como cinema e literatura, outras formas de expressão têm abordado a violência, como se verifica em jogos de videogame, novelas, canais de TV a cabo como o Combate, filmes pornográficos, tendo como

principal intuito o de retratar o estilo de vida de uma sociedade, podendo esta, ser atual ou não.

Com essas considerações, esta pesquisa se propõe ao estudo de narrativas literárias na forma de conto brasileiro contemporâneo e televisivas que manifestam alguma forma de resistência na acepção de Bosi (1996), o que implica a necessidade de exploração das relações entre resistência e violência.

Jaime Ginzburg, pesquisador sobre cultura e violência no Brasil, diz que um desafio importante para as produções culturais está em compreender o interesse de cenas de destruição e morte (GINZBURG, 2017, p.108). Além disso, observa-se que a violência muitas vezes é utilizada em outros contextos, não só no das artes literárias, mas também em outros cenários. Desse modo, tendo amplo interesse do público por cenas que retratem a violência, Jaime Ginzburg cita, em seu ensaio “Cultura e violência” (2017), alguns filmes que foram sucesso de bilheteria e que englobam contextos violentos, sendo um exemplo claro disso o filme “Tropa de Elite 2”. Não menos importante, o autor escala quatro possíveis motivos para que o ser humano se satisfaça com a contemplação da violência, sendo estes: a violência vista como um mundo carregado de valores morais; a sublimação da agressividade; a vontade de transformar o mundo pela violência quando estamos diante de uma adversidade; e o que mais se destaca perante os demais é o último, que, para ele: “ninguém gosta de sentir dor, mas quando a dor é de um outro, sua contemplação pode ser gratificante, como uma ruptura com o tédio ou a repetição monótona das ações cotidianas” (GINZBURG, 2017, p.110). Dessa forma, seria natural que a morte, cenas de destruição, entre outras, que entrariam para o campo semântico da palavra “mal”, poderiam ser consideradas como uma espécie de catarse para o sujeito leitor, tendo em vista seu significado que é dado como purificação ou purgação, neste caso, da violência. É assim que a literatura busca representar contextos históricos, produzindo obras ficcionais que retratem toda essa violência, como é o caso das obras analisadas nesse artigo, que visam retratar de forma violenta o contexto autoritário e repressivo da Ditadura Militar Brasileira.

Assim, com base em referenciais de Jaime Ginzburg, Tânia Pelegrini, Alfredo Bosi, entre outros pesquisadores, foram estabelecidos alguns objetivos para este artigo, sendo eles: discutir as relações, expressas em textos literários e televisivos nos séculos XX e XXI, entre narrativa e resistência; investigar de que forma a ficção brasileira do século XX e XXI aborda processos de autoritarismo e violência no contexto histórico-social-político-cultural do Brasil contemporâneo; investigar como processos de autoritarismo e violência social e histórica do Brasil contemporâneo são questionados ou problematizados nos textos literários e televisivos; e, por último, identificar confluências e divergências, em termos formais e temáticos, entre narrativas de resistência literárias e televisivas.

Como metodologia, realizou-se investigação de textos de teóricos já mencionados e que buscam tratar das relações entre violência e autoritarismo no país a fim de aguçar e contextualizar sobre o assunto. Diante disso, na primeira etapa da pesquisa, foram eleitos autores de narrativas literárias para estudo, e obras de Bernardo Kucinski e Caio Fernando Abreu tornaram-se objeto de apreciação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É sabido que o Brasil é palco de inúmeras práticas da violência, iniciadas desde o período colonial, sendo crescente a problematização de contextos violentos através das narrativas literárias e televisivas como forma não só de representar tais cenários, mas também de questioná-los. No entanto, nota-se que, na grande maioria das vezes, que a recepção dessas obras temáticas acaba se tornando ampla e as produções, populares entre os brasileiros. Para isso, o pesquisador Jaime

Ginzburg (2017) já ressalta que “é possível que o prazer em contemplar cenas violentas esteja relacionado à sublimação da agressividade” (GINZBURG, 2017, p.111), e, dessa forma, trabalhadores de todo o país procuram algo considerado mais “leve” para assistir após um longo dia de trabalho, sendo novelas, filmes e outros programas humorísticos que consistem geralmente no desencadeamento do humor através de violência moral e psicológica (exibida em canais como Multishow e outros) muito mais notórios entre os demais. Além disso, também aborda que existe uma espetacularização da violência, para a qual há uma espécie de divertimento e liberação do público (GINZBURG, 2017, p.110), o que englobaria personagens que geralmente são periféricos e estereotipados, como homossexuais, que geralmente são abordados com estigma e tipificação negativa, sendo uma personagem escandalosa, afeminada, etc; negros, que são abordados com cabelos arrepiados, mal cuidados e com dentes tortos; mães solteiras, que comumente são retratadas como periguetes, que abandonam o filho com a mãe e muitas vezes nem sabe quem é o pai da criança. Assim, pode-se dizer que a estereotipia também é um assunto que não foge das narrativas contemporâneas brasileiras.

Ginzburg recorre a Sigmund Freud, em *O mal-estar na cultura* (1929), para dizer que existe uma “tendência inata do ser humano para o ‘mal’” (FREUD, 2010, p.138-139). Assim, considerar a morte, violência e destruição pode ser um elemento fundante de nossas mentes, já que ver cenas que contenham esses assuntos funcionariam como uma espécie de catarse, em que o espectador seria liberado da vontade de cometer alguma violência, que, na maioria das vezes, seria gerada através de seus próprios conflitos.

Além do mais, não é apenas a mente humana que, segundo Freud, acaba por ser violenta, mas, sim, esse fator pode ser observado na formação de um país, em que os antecedentes culturais já perpetuavam a violência, mas que, apesar do passar do tempo, continuam se munindo desta. Diante disso, toma-se como posse outra escrita de Ginzburg:

Para pensar a respeito do presente, deste início de 2017 marcado pela violência no Brasil, cabe lembrar que este é um país marcado pelos genocídios coloniais, pela escravidão, por regimes ditatoriais e por extensa impunidade. Acontecimentos como o extermínio de tribos indígenas, as repressões violentas a movimentos sociais pacíficos, as torturas no período da ditadura militar, entre outros, integram a história do país. É ingênuo assumir que a violência não é um problema prioritário para a vida social brasileira. (GINZBURG, 2017, p. 116)

Tendo em vista a crescente notoriedade da violência em obras televisivas, fora analisada uma cena da telenovela *A força do querer*, de Glória Perez, exibida na Globo em 24/07/2017 e descrita pelo site Gshow como um “acerto de contas”. Nesta cena, temos [Irene \(Débora Falabella\)](#) levando uma dupla surra de [Joyce \(Maria Fernanda Cândido\)](#) e [Ritinha \(Isis Valverde\)](#) a fim de acertar as contas pela traição do marido de Joyce, [Eugênio \(Dan Stulbach\)](#). A cena consiste na agressão física, na qual Joyce utiliza um sapato para agredir Irene, sendo que o salto representaria um nível superior (uma vez que um salto eleva uma pessoa de tamanho) de quem o utiliza para a agressão, além disso, esse sapato pode ser entendido como uma relação de poder e de superioridade da personagem Joyce, uma socialite bem sucedida. Também há no site no qual são divulgadas as cenas de maior notoriedade da própria veiculadora da telenovela uma observação que funcionaria como uma espécie de lição de moral, consistindo da seguinte frase: “Até por que ser traída pela “amiga” e o marido é coisa de inimiga, né?”, frase esta, que remete à ideia de apoio e de empatia de quem escreveu a matéria sobre a cena de agressão. Tornar a violência na narrativa televisiva objeto de espetáculo é, na linha de raciocínio de Pellegrini (2005), uma forma de atingir maior público e, conseqüentemente, tornar o produto mais consumido.

Voltando olhares para as narrativas literárias, foram escolhidas narrativas do gênero conto, assim, partindo da concepção de que este gênero se destaca pela brevidade e busca em sua essência a descrição de algum fato que pode passar como insignificante pra muitas pessoas, esse gênero textual busca descrever de forma mais minuciosa algum acontecimento, unindo elementos que podem demonstrar posteriormente, muita significação. Para Julio Cortazar (1993), o conto constitui-se como uma espécie de fotografia, presumindo uma limitação prévia de um espaço reduzido, capturado pela câmera, entretanto, caberia ao escritor utilizá-la da melhor maneira possível.

Assim, realizou-se a leitura de um dos autores selecionados, Bernardo Kucinski com a antologia de contos *Você vai voltar pra mim*, de 2014. Posteriormente, fora desenvolvido um quadro de análise de todas as narrativas que compõem essa obra, buscando identificar o tipo de narrador (onisciente, observador ou personagem); tema da narrativa; problema dos personagens; imagens da ditadura, observando o tipo de violência utilizado; e por último, a crítica social presente no conto. A escolha por esse roteiro de investigação deve-se ao fato de que a identificação do tipo de violência representado na narrativa, o desfecho da história e a composição de narrador e personagens são elementos que contribuem para a discussão sobre o caráter de resistência dos textos. Dessa forma, resultados das análises da antologia de Kucinski são assim expressos:

QUADRO 1 – elementos de análise de contos de Kucinski

Quadro de análise de contos da obra <i>Você vai voltar pra mim e outros contos</i>					
Conto	Perfil do narrador	Tema	Problema dos personagens	Imagens da Ditadura	Crítica social
A beata Vavá	Narrador onisciente	Religiosidade de uma beata que rezava pelos militantes presos	Militantes que sofriam da violência, em especial, seu filho Anésio	Violência física	Comunicação extra-sensorial e sua veracidade
A negra Zuleika	Narrador observador	Negra acusada de subversão por um branco ao cantarolar música na praia de Copacabana	Personagem branco, de classe média/alta vai à praia e se incomoda com a presença de uma negra, ligando para a polícia	Negra acusada de subversão por um branco, sem praticá-la	Racismo, exclusão social e acusação errônea, causada por preconceito
Terapia de família	Narrador observador	Filho que se considera muito culto, não permanece um mês sequer no trabalho, só aceita trabalhar quando estabelece um acordo com a família – terapia conjunta – em que mostra seu potencial intelectual e seu desgosto para com o pai, que só lembrava de sua irmã.	O filho se acha muito sabido e acredita que seu pai somente vê a verdade dele, uma vez que fora torturado pelos militares	Torturado pela ditadura considera-se a voz da experiência	Desmistificar a visão de que pessoas que foram vítimas da ditadura militar são vivenciadas e mais experientes
O jogo	Narrador	Mulher que servia chá	Clientela da	Desconfia	Idosa espera a

de chá	personagem em	fica sem clientes após militares, que desconfiavam de que um velório servia como reunião política, demitiriam as pessoas que frequentavam o lugar para tomar chá	servidora de chá torna-se inexistente, decidindo vender seu jogo de chá para completar o orçamento de seu velório	nça dos militares com a população	morte solitária após os militares serem responsáveis por deixá-la sem companhia
Sobre a natureza do homem	Narrador onisciente	Mostra como pessoas torturadas pela ditadura perdiam sua essência, tornando-se abúlicas.	Personagem masculino tenta ajudar uma vizinha de cela a conseguir indenização	Pessoas perseguidas por militares, sendo que uma delas é torturada incessantemente e estuprada	Nenhuma possibilidade de reinserção social ou de tratamento psicológico. Além disso, nota-se que a violência física será um ciclo.
O velório	Narrador observador	Em um velório, pessoas relembram a vida do defunto, entretanto, no desfecho, sabe-se que o corpo do defunto nunca fora encontrado	Ser sepultado de forma indigna, uma vez que o corpo do falecido nunca fora encontrado	Sepultamento simbólico	Ditadura militar dava sumiço nos corpos de pessoas
Joana	Narrador observador	Viúva perambula durante a noite à procura de seu marido, que foi morto durante a ditadura, embora seu corpo nunca fora encontrado	Busca de mais de duas décadas pelo marido desaparecido	Violência psicológica e física	Ditadura Militar responsável pelo sumiço do corpo de um pai de família e pela busca interminável de uma viúva
A visita do inspetor-geral	Narrador onisciente	Professor de analfabetos adultos por um método do Ministério da Educação, extinto pelo governo Militar, pega algumas roupas e some de casa sem dar explicações	Com o término do programa de alfabetização de adultos, o jovem, que havia passado em segundo lugar no concurso do banco, mas nunca chamado, junta-se à militantes e sai de casa para fazer revolução	Perseguição política, abandono de lar e militância	Critica uma sociedade desigual, em que adultos ainda são analfabetos; além disso, mostra que pessoas subversivas não poderiam ocupar cargos públicos
Você vai	Narrador onisciente	Presença é levada para seu julgamento alegando ser	Assinar um documento sob	Violência física	Mesmo com a transferência

voltar pra mim	e	inocente, entretanto, assinara um papel sob tortura, confessando o crime. Como penalidade, ela é transferida para o presídio feminino, mas isso não acontece, pois volta para as mãos de seu torturador	pressão alegando ser autora do crime, voltando para as mãos de seu torturador	como obtenção e falsificação de informações e estupro	de presídio, a personagem volta para as mãos de seu torturador (poder total aos militares)
A troca	Narrador onisciente	Sequestraram um cônsul e pedem 20 presos em troca. A partir disso, colegas de cela debatem se eles estão na lista de presos, entretanto, somente um é levado, em companhia de mais dezenove	Perguntam-se a toda hora se estão na lista de troca, conversando com os colegas de cela sobre seus sonhos quando saírem da cadeia	Violência física e pressão psicológica	///
Dodora	Narrador onisciente	Mulher se entrega para os militares para conseguir extrair informações e envia-as para seus companheiros	Não sabem o que aconteceu exatamente com Dodora, embora existam vários boatos sobre como ela foi parar no Dops	Falta de notícias e breves suposições do que acontecera com Dodora	Militantes, após saírem do Dops continuam seguindo sua vida normalmente
A entrevista	Narrador personagem	Irmã mais velha rebela-se perante as duas menores para dizer que era responsável pela morte do pai, ainda que de forma indireta	As mais novas fazem perguntas para a mais velha que responde nunca ter tido um pai presente, já que ele estava ocupado lutando contra a ditadura	Militância e rebeldia	Família desestruturada por falta de um pai presente
Pais e filhos	Narrador onisciente	Pai não tolera que seu filho seja comunista, e assim, ela se exila no Chile, em um apartamento pequeno e dividido. Quando os pais vão visita-lo, dão uma caminhada no quarteirão e não conversam nada durante todo o percurso	Filho sente-se pressionado de estar em um ambiente fascista e resolve se exilar no Chile	Exílio e desestruturação familiar	Desestruturção familiar acarretada pelas ideologias diferentes que cerceavam o ambiente familiar
A suspeita	Narrador onisciente	Em um grupo, discutem quem é responsável pela loucura de um dos caras	Personagens não querem ser culpados pela	Loucura e diagnóstico tardio da	Mania dos homens de não assumir seus

		do grupo, até chegarem à conclusão de que a culpada é a Ditadura	loucura de um dos sujeitos, jogando a culpa uns para os outros	doença	erros, querendo culpar o período ditatorial pela loucura de um personagem
Kadish para um dirigente comunista	Narrador onisciente	Amigo rabino surpreende-se ao entoarem a reza kadish sabendo que seu amigo falecido era agnóstico. Após o término, decide que o amigo merecia ser velado ao som de “Internacional”, hino comunista.	Rabino sabe da vida de seu amigo, achando inconveniente velá-lo daquela forma, e então, entoia “Internacional”	Prisão e tortura do falecido. Também, entoação do hino comunista que fala sobre batalhas finais em um velório	Familiares desconheciam a verdadeira pessoa que estavam velando
Um homem muito alto	Narrador observador	Personagem muito alto, sempre conhecido por sua altura e se orgulhar disso, entra para a organização de roubo a bancos, sendo ligeiramente notado por sua altura e preso ao ir comprar cigarros	A altura (que tanto o orgulhava) do personagem responsável pela sua pena. 17 anos de cadeia	Roubo a bancos para financiar a luta contra a ditadura	Todos os apelidos atribuídos ao personagem alto eram encarados como bons, até ser conhecido por Jamanta pela polícia
Recordações do casarão	Narrador observador	Um homem encontra sua amiga na saída do cinema e começam a recordar de quando viviam juntos no casarão, sendo companheiros de luta. Ao final, nenhum deles pergunta sobre a situação atual, apenas relembram os tempos antigos	Personagem masculino relembra apenas os momentos considerados bons, enquanto a personagem feminina relembra de toda a vivência do casarão, das lutas e segredos que rondavam o espaço	Militância, aborto	Personagens apenas relembram os tempos antigos, a atualidade para eles não importa
Os gaúchos	Narrador onisciente	Júlio não se contenta de não ter recebido retorno dos dois empregos que lhe ofertaram, até descobrir que para consegui-los teria de enviar uma carta escrita a	Ter de escrever a carta alegando não ser comunista	Não conseguir emprego por ser comunista	Necessidade de retratação do povo comunista para conseguir um emprego

		próprio punho dizendo que não era comunista, dizendo ao pai que nunca fará isso. O pai concorda e diz que era isso que esperava de seu filho			
A mãe rezadeira	Narrador onisciente	Mãe ora para o filho ter redução de pena, entretanto, também reza para que ele não saia da prisão	Mãe não quer que o filho seja solto em troca de um cônsul	Violência física de presos políticos	Agradecer a Deus pelo filho continuar na cadeia
A instalação	Narrador onisciente	Mulher torturada pela ditadura vai visitar uma prima e descobre que o marido dessa era policial militar e torturador	Sofrer de um tique na sobrancelha toda vez que lembra da violência que sofreu	Violência física e psicológica	Revela o contato póstumo de uma torturada com a mulher e com toda perversidade do torturador
O garoto de Liverpool	Narrador personagem	Jornalista vai realizar uma matéria sobre a Transamazônica, mas é pego logo na saída do ônibus, confundido com um informante	É confundido com um informante, e é pendurado nu em um travessão, até que alguém convence os militares de que ele é um jornalista	Violência física	Desconfiança pelo modo com que o jornalista se vestia, dando a aparecer que era comunista
História de uma gagueira	Narrador personagem	Homem sofria de gagueira por não gostar de ser português, entretanto, deixa de ser gago quando começa a Revolução Portuguesa, fazendo um discurso na Trafalgar Square sem tropeçar em nenhuma palavra daí em diante	Sofria quando morava com o pai, uma vez que ele sempre o punira por sua gagueira	O pai do menino era chamado de Salazar caseiro, pois sempre punira o filho por gaguejar e ser canhoto	Ditadura terminava com o potencial criativo, moldando as pessoas daquele período
A lista	Narrador onisciente	Jacó é um ferramenteiro exemplar, trabalha o aço como um escultor, mas, é um dos nomes da lista de quem faz greve, sempre sendo demitido por rebelar-se contra uma empresa que trabalhava	Ser integrante de uma lista de grevistas e não conseguir ficar mais de um mês em um emprego por causa dessa	Pertencer à lista de grevistas e ser levado ao Dops para esclarecimentos	Dificuldade para conseguir emprego, apesar de ser um ótimo funcionário

A sandinista	Narrador observador	Aborda sobre a Revolução Sandinista, na Nicarágua. Nessa narrativa, a aluna Carmem, ministra da Habitação nega-se a receber o professor de matemática em seu escritório	Professor quer saber sobre Carmem, entretanto, ela nem liga para a existência dele	Revolução Sandinista que acontecia na Nicarágua enquanto Carmem era exilada	Valorizar pessoas do passado que não guardam lembranças suas
Cenas de um sequestro	Narrador personagem	Revela um diálogo entre torturadores que não sabem o que fazer com o corpo de um falecido e também, das três crianças, agora órfãs, perguntando pelos pais	Torturadores não sabem o que fazer com o corpo; trabalhadores não sabem o que fazer com as crianças; e crianças que não sabem onde estão seus pais	Tortura, violência física e psicológica	Critica o sistema ditatorial, que muitas vezes não sabia o que fazer com os corpos torturados, tratando-os como indigentes
O filósofo e o comissário	Narrador observador	Retrata o fim do socialismo na Albânia	Não ter credibilidade suficiente com seu chefe	Informação controlada pelo regime ditatorial	///
Tio André	Narrador observador	Retrata o suicídio de um ex-militante, que é descoberto apenas quando um caboclo e seu filho vão visitá-lo	Personagem suicida tinha uma vida sigilosa para não ser descoberto pela polícia	Suicídio por não aguentar a perseguição e violência policial	Revela que a ditadura não só era responsável por mortes diretas, como também, indiretas, como o suicídio
Dr. Carlão	Narrador personagem	Aborda um esquema de corrupção de um participante do partido Comunista, Carlão, que supostamente teria visto o pai de um personagem no Dops	Saber se era verdade que Carlão tinha visto o pai do personagem no Dops ou não	Comunistas ligados à corrupção	Faz crítica ao abordar o comunismo associado à corrupção
A missão do Sargento Vallejo	Narrador observador	Versa sobre um sargento que desenvolveria uma missão para descobrir se as igrejas não estavam sendo subversivas	Bebe e acaba se confessando para o padre, a fim de extrair alguma informação importante para sua missão, mas sem	Missão em busca da subversão	Sargento deixa sua profissão e joga a arma fora após ter contato com o padre, como se tivesse

			sucesso		encontrado sua redenção
A votação	Narrador onisciente	Revela as violências que presos após serem torturados sofriam, em uma sala fechada, com cheiro de cigarro e de posse dos militares	São tratados como animais, presos e em lugares apertados	Prisão apertada em que os presos torturados ficavam	Revela como os militares utilizavam dos presos para fazer suas vontades

Fonte: autor do estudo

Nessa obra, o autor alerta que todos os contos que compõem a obra são narrativas ficcionais, que abrangem dois tipos diferentes de leitores – os que viveram o período ditatorial e leitores mais jovens:

Aos leitores familiarizados com aqueles tempos, os contos podem lembrar episódios e pessoas conhecidas. Mas não passam de invenções, criações literárias sem nenhuma obrigação de fidelidade a pessoas ou fatos que eventualmente os possam ter inspirado.

Aos leitores mais jovens, não familiarizados com aqueles tempos, acredito que essas narrativas de cunho literário permitirão sentir um pouco a atmosfera de então, com nuances e complexidades que a simples história factual não conseguiria captar. (KUCINSKI, 2013, p. 05)

Diante disso, Kucinski lança seu livro para dois diferentes públicos, deixando claro que a obra não tem compromisso com a realidade e que, se alguém lembrar de algum dos personagens agressores, nada existirá além de uma simples coincidência. Sua obra também é considerada importante, já que possui um caráter histórico, mas que não é apresentado nos livros de história, nos quais seria impossível descrever o clima tenso vivenciado pelos indivíduos daquele período. Os contos são, nessa perspectiva, um documento artístico sobre o período da ditadura no Brasil.

Tendo isso em vista, narrativas de testemunho vêm tendo sua notoriedade aumentada nos últimos anos, e, considerando que Kucinski teve sua irmã desaparecida nas mãos do regime militar, pode-se considerar outra obra de notoriedade para o público, tendo em vista “K”, considerada uma narrativa de testemunho, em que Bernardo expõe a agonia, o drama, a violência e a angústia da busca do pai pela filha desaparecida misteriosamente nas mãos de um regime ditatorial. Diante disso, é importante ressaltar que:

Narrativas de testemunho trazem, muitas vezes, essa dificuldade impregnada em suas perspectivas de recepção. Quando o ponto de vista é assumido por quem percebe a violência através do impacto da dor extrema, é necessária uma empatia por parte do ouvinte. Quem está disposto a ler um testemunho de uma pessoa torturada durante a ditadura militar, atentando a cada detalhe, e respeitando o sofrimento dessa pessoa? (GINZBURG, 2017, p.119)

A coletânea de contos *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Kucinski, foi publicada em 2014. Segundo Maria Rita Kehl, em prefácio da obra intitulado “A ironia e a dor”,

A matéria literária de *Você vai voltar pra mim e outros contos* é a mesma que inspirou a escrita de *K.*: o encontro do militante político com o horror do sistema repressivo, oficial ou clandestino, criado para exterminar qualquer tentativa de oposição ao projeto da ditadura militar de 1964-85.

(KEHL, 2014, p. 08).

Ainda, para ela “A forma curta do conto permite ao autor novas liberdades em relação ao romance autobiográfico” (KEHL, 2014, p. 09). Dessa forma, através de uma narrativa curta, de duas páginas, é perceptível logo no início do conto “Você vai voltar pra mim” um certo tom autoritário, que irá revelar uma narrativa tensa em que uma personagem entra no camburão para uma audiência, ocorrendo tudo bem até o momento em que o juiz contraria o indiciamento da réu, alegando que ela mesma confessou, fazendo assim, que ela explodisse: “– Assinei sob tortura! Esse delegado filho da puta me pendurou sete vezes” (KUCINSKI, 2014, p. 41). Posteriormente, o juiz suspende a sessão e após negociações, decide que a enviará para um presídio feminino, e não mais para o Dops, entretanto, quando é guiada de volta para o camburão, nota que seu motorista é o mesmo que a levou para a audiência e se inquieta, após isso, passa pelo mesmo portão que saiu anterior ao episódio do tribunal, nisso, as portas se abrem e o torturador diz: “– Eu disse que você ia voltar pra mim, não disse? Vem, benzinho, vamos brincar um pouco” (KUCINSKI, 2014, p. 42).

O narrador, no conto “Você vai voltar pra mim”, caracteriza-se como onisciente, que busca na descrição dos fatos o relato do horror, como por exemplo: “Filho da puta, ela disse a si mesma. Sentiu um calafrio” (KUCINSKI, 2014, p. 41). Todavia, o narrador não demonstra empatia pela mulher presa tampouco pelas torturas a que era submetida na prisão. É um narrador distante emocionalmente da matéria narrada.

Tendo a Ditadura Militar em vista no conto, percebe-se o período de intensos conflitos com a personagem, que só não foi morta pelos militares, pois havia saído a notícia de que ela tinha sido presa, e, assim, caso aparecesse morta, deduziriam facilmente que teriam sido os militares os responsáveis do fato. Assim, cabe lembrar que, naquele momento histórico, os jornais também sofriam repressão, não devendo publicar qualquer notícia que fosse dedurar ou ir contra o governo ditatorial. A sobrevida dada à personagem motiva-se, ainda, pelo fato de haver interesse em continuar as práticas de tortura até fazê-la assumir um crime que possivelmente não cometera. Nessa perspectiva, a narrativa demonstra o grau de intensidade de violência e opressão a que prisioneiros da Ditadura eram submetidos, o que confirma a ideia de que a busca por tornar os perseguidos desequilibrados emocionalmente era uma estratégia para obtenção de confissão e, consequentemente, condenação penal.

Em última linha do conto, apresenta-se a expressão: “Os outros em volta riem” (KUCINSKI, 2014, p. 42), que é responsável pelo final aberto da narrativa, aludindo ao deboche para a personagem que acreditava não voltar para aquele lugar, mas que assim se sucede, contemplando, dessa forma, o final aberto a inúmeras interpretações que podem ser consideradas uma das características dos contos contemporâneos.

Assim, na obra *Você vai voltar pra mim*, nota-se já um tom de autoridade no título, que não se restringe apenas a este, dando nome a um dos contos e refletindo a autoridade que será tema de outros que compõem a obra. Também, apresenta uma ligeira tendência dos contos ao final em aberto, sem desfecho, o que é comum entre narrativas desse gênero, que preferem deixar que o próprio leitor imagine seu final, levando em conta fatores como a tendência à continuação da violência, como também um desfecho harmonioso e feliz. Entretanto, ao que se sabe dos governos militares, a segunda opção de desfecho se torna uma das alternativas em que poucas pessoas votariam, tendo em vista a tendência desse regime à violência.

Também é comum que o escritor trate a resistência em alguns contos, nos quais essa aborda outra matiz, a da oposição ao sistema militar, algo que, para Bosi, pode ser descrito como “repelem e combatem os antivalores respectivos” (BOSI, 1996, p.14), assim, cita alguns valores e antivalores: “liberdade e despotismo; igualdade e iniquidade; sinceridade e hipocrisia; coragem e covardia; fidelidade e traição, etc.” (BOSI, 1996, p.14).

Não menos importante, para a construção de uma narrativa resistente, Bosi diz que “a arte pode escolher tudo quanto a ideologia dominante esquece, evita ou repele” (BOSI, 1996, p.16), assim, uma narrativa desse teor abrange muitas vezes um público mais selecionado, uma vez que esse tipo de narrativa não possui o intuito de ser panfletária, mas sim, fazer uma crítica, uma oposição, na qual “o narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes” (BOSI, 1996, p.15). Dessa forma, é na narrativa resistente que o autor irá abordar valores, que resistem a uma forma de pensar fixa, chamada de “patrulhamento ideológico” (BOSI, 1996, p.16), tudo isso, no final, seria geradora da visão crítica desta narrativa.

Um dos riscos que Bosi caracteriza para as narrativas resistentes consiste em “quando leitores ultraideologizantes condenam antivalores supostamente representados ou promovidos pela imagem do poema” (BOSI, 1996, p.16), o que seria capaz de gerar uma condenação de muitas obras pelo simples fato de não aceitar ou rebater contra essas ideias. Um exemplo claro disso são pessoas que rebatem obras muito boas de Caio Fernando Abreu pelo simples fato de ser contra ou não aceitar a homossexualidade do autor, ou também, dessa temática ser abordada, ainda que muitas vezes como pano de fundo, para alguns de seus contos. Diante disso, Bosi destaca que a resistência constitui uma escrita, uma vez que se sabe que nenhum discurso é neutro, assim

Aclarar a diferença entre tempos de aceleração da luta social e tempos lentos e difusos de aparente estagnação política ajuda-nos a compreender a distinção, entre resistência como tema da narrativa e resistência como processo constitutivo de uma certa escrita. (BOSI, 1996, p.18)

Voltando os olhares a outro autor, fora selecionado para análise um dos contos de Caio Fernando Abreu, intitulado “Os sobreviventes”, publicado na obra *Morangos Mofados*, em 1982. A obra em si, é dividida em três partes, a primeira é chamada de “o mofo”, a segunda, de “morangos”, e a terceira é chamada de “morangos mofados”, sendo que o conto “Os sobreviventes” situa-se em “o mofo”. No contexto de lançamento dessa obra, vivia-se um momento de abertura política, em que o país se preparava para o término do regime ditatorial, que aconteceria em 1984. Além disso, esse período foi marcado por uma abertura do sistema governamental, tendo em vista uma maior democratização política no Brasil.

Com o objetivo de retratar o intenso desânimo de indivíduos com o contexto da época, “Os sobreviventes” consiste em uma narrativa que retrata dois personagens, um masculino e outro feminino, em que o sujeito feminino relembra dos momentos que passara ao lado de seu companheiro, os quais são abordados com frustração, com desdém, relativizando claramente a parte do livro que a narrativa se encontra, em que “o mofo” já consumira todas as vontades de resistência, de luta perante um ideal. O conto traz consigo a insistência em relações frustradas, em trabalhos que não dão certo, mas que são necessários para que as dívidas sejam pagas. Também alia a inteligência à falta de prazer: “Cultura demais mata o corpo da gente, cara, filmes demais, livros demais, palavras demais, só consegui te possuir me masturbando, tinha a biblioteca de Alexandria separando nossos corpos” (ABREU, 2014, p. 30). Assim, em uma tentativa frustrada de uma transa após tantos temas debatidos e duas décadas de convivência, a mulher se conforma sobre sua sexualidade: “e eu disse não, meu bem, o que acontece é que como bons-intelectuais pequeno-burgueses o teu negócio é homem e o meu é mulher” (ABREU, 2014, p. 11). E é nesse meio tempo, que o sujeito lírico feminino profere: “só queria era ser feliz, cara, gorda, burra, alienada e completamente feliz” (ABREU, 2014, p. 32), deixando claro que sua felicidade dependia de inúmeros fatores, como o prazer sexual, que não sentia em virtude de considerar-se inteligente, e, também, de seu desejo de ser burra, para que então, pudesse senti-lo.

Além disso, o conto preocupa-se em deixar clara a desmotivação dos dois personagens para com o contexto em que vivem, uma vez que nenhum desses se sente motivado para continuar a luta

pelos seus ideais de reformulação social, terminando em apenas uma existência de ambos os personagens, sendo meros “sobreviventes”, o que dá nome à narrativa, já que se encontram impossibilitados de sentirem prazer, de resistir, e inclusive, de terem uma transa com sucesso, e de não verem problema algum nisso, morrendo lentamente: “As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava, mas eu reagi, despirei, voltei a isso que dizem que é o normal, e cadê a causa, meu, cadê a luta, cadê o po-ten-cial criativo?” (ABREU, 1982, p. 18).

Ademais, observando a obra em caráter formal, pode-se notar que ela não utiliza alguma marcação específica para inferir algum diálogo. No conto, não há presença de travessões ou aspas que indiquem uma fala, apenas um discurso inserido de forma linear enquanto um dos personagens conta algo, cabendo ao leitor dissociá-la do restante do texto. Ainda, nota-se a utilização de frases sem marcação de vírgulas entre palavras que necessariamente deveriam estar separadas, a fim de remeter uma certa pressa ao falar, fazendo o leitor ficar sem ar, mas, com o alívio da respiração no final dessa frase, o que poderia nos remeter à necessidade de livramento, de uma falta de ar ou de algo que motive os personagens a sobreviverem, e quando acreditam que estão terminando seu sofrimento, o ar ressurgiu e os traz novamente ao mundo, a realidade, sendo assim, sobreviventes.

Tendo em vista o processo ditatorial e resistência a ele, menciona-se Luana Teixeira Porto. Segundo ela, a resistência ao período encontra-se na subjetividade:

São expressões ligadas aos termos usados por militantes da época, recursos linguísticos e relatos de experiências os procedimentos que nos direcionam à leitura do conto através do contexto e são também eles que fazem da narrativa uma criação artística, literatura. (PORTO, 2005, p.106)

Assim, nota-se a presença de termos como “causa”, que remetem aos grupos que lutavam por ideais de reformulação social da época: “a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada” (ABREU, 2014, p. 33). Também, o uso da palavra “companheiro”, que pode designar tanto um acompanhante da causa, alguém com quem a personagem luta, como também um companheiro que ela irá levar para a vida, um namorado de fachada, alguém que ela se sente feliz, motivada e que também a motiva. É notória também a presença de vocábulos de baixo calão como fodida, caralho, merda, bosta, pau murcho, boceta, entre outros, que ajudam na expressão de um “eu” realmente desmotivado, que não se importa com o que vão pensar do seu linguajar, exprimindo nele, todas as suas expressões saídas do mais íntimo pensamento.

Considerando os elementos apontados na análise, pode-se afirmar que o conto de Caio Fernando Abreu marca uma intensa guerra de pensamentos pessimistas dos personagens. Tais perspectivas são inseridas em um único parágrafo que retrata toda a história até seu fim, para que, assim, seja lido sem possíveis interrupções, sem marcações de falas tradicionais, sem novos parágrafos, possivelmente representando que não há novos começos, que, apesar do companheiro da personagem feminina ir para Sri Lanka, não existirá nada que a faça tirar daquele contexto, criticando assim, a ditadura que impossibilitava qualquer forma de reinvento pessoal.

CONCLUSÃO

Levando em conta os estudos desenvolvidos, é primordial destacar a ausência contundente desse diálogo na sociedade, que parece preferir agir em defesa de seu uso a querer uma abolição dessas técnicas, uma vez que as narrativas que utilizam a violência são muitas vezes nem um pouco empáticas e são descritas apenas como uma obra de ficção.

Observando e os objetivos do estudo (discutir as relações expressas em textos literários, nos séculos XX e XXI, entre narrativa e resistência), nota-se os aspectos estéticos das narrativas curtas

selecionadas e vê-se um caráter diferente entre as duas, pois, nas de Kucinski, a ditadura é diretamente tratada enquanto, no conto “Os sobreviventes”, o tema mostra-se mais nas entrelinhas. Composto por duas páginas, no conto “Você vai voltar pra mim”, tem-se os travessões e demais pontuações designadas para quando se inicia um diálogo, enquanto, na narrativa de Caio, isso não é observável. Quanto às obras de ficção, literárias e televisivas, pouco se cogita o desenvolvimento de uma narrativa com temas que não ousem pender à violência, uma vez que a total harmonia entre os personagens das tramas seria complicada de ser analisada, além de se tornar monótona para o público, que busca cada vez mais se dispersar em meio a essas obras, que possuem verossimilhança com nossos contextos, e sofrer o processo catártico aludido por Ginzburg (2017).

Não menos importante, lembrar que segundo Ginzburg (1999), vive-se em uma sociedade que se estende aos nossos antepassados, em que, apesar dos avanços, a violência constitutiva ainda reflete nossos modos de pensar até hoje, não negando os primórdios dessa, mas que insiste em continuar nessa persistência. O autor reitera que “para a catástrofe, guardemos a perplexidade, a inquietação, jamais a linearidade ou a banalização” (GINZBURG, 1999, p.141). Diante disso, a realização desta pesquisa mostra que grande parte das narrativas literárias e televisivas move inquietações que pretendem buscar uma mudança na postura dos indivíduos quando se fala em violência, independente desse ser telespectador ou um leitor de literatura de resistência, mas fazendo-o refletir, ou até, gerar inquietação. E essa representação, tanto pelo tema como pela forma estética, é uma forma de resistência.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Nova Fronteira, 2014.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Itinerários - Revista de Literatura*, n. 10, p. 11-27, 1996. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre literatura e autoritarismo no Brasil. *Revista Letras*, v. 18/19, Santa Maria, jan./dez. 1999, p. 121-144.
- GINZBURG, Jaime. *Cultura e violência*. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/artigo/c982a801/200c/49f4/9e50/eb2a830d15d9.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. Editora Cosac Naify, 2014.
- PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 24, 2004. p. 15-33. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9003>>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- PORTO, Luana Teixeira. *Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu: melancolia e crítica social*. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, 2005.